
Uma abordagem multidimensional dos padrões de vida na sociedade portuguesa: Potencialidades sociológicas da análise de microdados

Susana da Cruz Martins¹, Rosário Mauritti² e António Firmino da Costa³

Padrões de vida: Enquadramento da investigação

O texto que aqui se apresenta constitui um dos resultados do trabalho de investigação no âmbito do projecto “Padrões de vida: perfis e tendências na sociedade portuguesa contemporânea (desenvolvimentos conceptuais e exploração analítica de microdados estatísticos)”.⁴ Este procurou produzir um conjunto de contributos inovadores na caracterização social das populações. No centro dos desenvolvimentos operatórios e analíticos esteve a intenção de combinar novas propostas teóricas com a exploração de novas possibilidades de recurso a informação empírica.

As análises sociológicas em que a caracterização social das populações é elemento fundamental têm tido dificuldade, apesar dos múltiplos contributos, em integrar de maneira teoricamente consistente e empiricamente esclarecedora, dimensões relativas ao “trabalho”, por um lado, e ao “consumo”, por outro, e ainda de articular umas e outras com as “qualificações”. Estas dimensões têm-se revelado, no entanto, igualmente cruciais nas formas de existência social contemporâneas, manifestando-se influências variadas e intensas entre elas, e com outros aspectos da vida social.

Com a construção e a utilização analítica do conceito de padrões de vida procurou-se responder à necessidade de integrar essas dimensões de caracterização social, tendo presentes duas preocupações básicas: a de fundamentação teórica adequada e a de capacidade de operacionalização eficaz. Esta foi tornada possível com a construção e ensaio de modos de utilização de bases de microdados estatísticos produzidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). A operacionalização do conceito de padrões de vida foi, assim, suportada pelo recurso a métodos de análise multivariada, através da utilização das referidas bases de microdados.

Padrões de vida: Uma proposta de conceptualização

A análise dos sistemas estruturados de diferenças e desigualdades sociais tem sido um domínio central da investigação sociológica, desde os fundadores, há um século e meio atrás, até a um conjunto amplo de estudos e debates da maior actualidade. No âmbito desta problemática têm sido utilizados conceitos como o de classes sociais e estruturas de classes, de grupos de status e sistemas de estratificação, e outros, como os de modos de vida, estilos de vida ou géneros de vida. No núcleo operatório destas análises estão as categorias e os procedimentos de caracterização social das populações. Também na sociologia portuguesa se têm produzido resultados significativos neste domínio.⁵

Um dos problemas que nos trabalhos de referência mencionados, e nos conceitos por eles propostos e utilizados, não tem ficado suficientemente resolvido é o da articulação entre as

¹ CIES/ISCTE, ESES

² CIES/ISCTE

³ Dep. Sociologia ISCTE, CIES

⁴ Projecto desenvolvido no CIES/ISCTE, com apoio da FCT, de 2000 a 2003.

⁵ Balanços actualizados de bibliografia mais relevante, nacional e estrangeira, podem encontrar-se em Costa (1999), Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida (2000), Machado, Costa, Mauritti, Martins, Casanova, Almeida (2003).

dimensões do trabalho e do consumo. Nuns casos, os autores baseiam a análise sobretudo numa destas dimensões. Pode ser privilegiada a do trabalho/produção, como em Marx e nas concepções neo-marxistas, ou como nas análises actuais de categorias socioprofissionais, quer as de inspiração weberiana (Glodthorpe, 1980), quer as de referência bourdiana (Desrosière, Goy e Thévenot, 1983). Ou pode ter particular centralidade nas actuais análises de estilos de vida, de orientação quer empiricista (Cathelat, 1985-86), quer pós-modernista (Featherstone, 1991; Chaney, 1997).

Noutros casos, as teorizações e pesquisas abordam ambas as dimensões, mas sem as integrar analiticamente de maneira sistemática, ou subordinando uma delas, não lhe dando tradução operatória suficiente. Por outro lado, a dimensão educação/formação, quase sempre equacionada como fundamental, é em geral apenas estudada aprofundadamente nas suas relações com uma das duas dimensões anteriores. Em particular, as pesquisas empíricas de carácter extensivo, realizadas através de indicadores estatísticos, têm recorrido ainda menos à articulação destas dimensões, apesar da sua relevância actual ser salientada pela generalidade da produção analítica actual das ciências sociais.

A construção do conceito *padrões de vida* procura responder à necessidade de integrar estas três dimensões fundamentais de caracterização social, norteadas por duas preocupações básicas: fundamentação teórica exigente e operacionalização eficaz.

Do ponto de vista teórico, construiu-se um modelo de análise “triangular”, incluindo as três dimensões analíticas fundamentais referidas: trabalho / produção; consumo / lazer; educação / formação.

A consideração plena de cada uma destas três dimensões, em si mesmas, com idêntico grau de aprofundamento teórico e modo equiparável de operacionalização empírica, é um aspecto importante do modelo de análise construído. Mas ainda mais importante é este modelo de análise prever a investigação sistemática e integrada das articulações entre elas.

Para isso recorreu-se, por um lado, no plano teórico, a um conjunto de elementos de conceptualização inscritos em boa parte das referências bibliográficas acima referenciadas, se bem que, nestas, muitas vezes apenas de maneira parcelar. A hipótese básica orientadora foi a de que, através da articulação destas três dimensões, se conseguiria encontrar um conjunto de padrões caracterizadores das condições de existência na sociedade portuguesa contemporânea e das principais modalidades de relação com elas, por parte de indivíduos e famílias, na construção quotidiana da sua vida social.

Por outro lado, no plano empírico, a análise substantiva da referida articulação e a verificação concreta da hipótese acima equacionada requerem a possibilidade de combinar em simultâneo, através de procedimentos de análise multivariada, uma pluralidade de indicadores respeitantes às três dimensões. Ora, quando se pretende realizar análises extensivas utilizando indicadores estatísticos institucionais, isso implica trabalhar com as respectivas bases de microdados.

A fonte estatística utilizada foi o Inquérito aos Orçamentos Familiares (IOF, 2000) e recorreu-se, no âmbito de uma análise estatística multivariada, à análise de componentes principais (ACP), à análise de homogeneidade (HOMALS) e à análise de *clusters*, disponíveis no *package* do SPSS.

Padrões de vida: Abordagem multidimensional ao conceito

As análises agora apresentadas envolvem um leque muito alargado de dimensões, as quais remetem para domínios diversos da prática social.

Por uma questão de brevidade, quanto às dimensões socioprofissionais e socioeducacionais remete-se para operacionalizações desenvolvidas em trabalhos anteriores (por exemplo: Costa 1999; Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida, 2000; Machado, Costa, Mauritti, Martins, Casanova e Almeida, 2003)

Na delimitação das dimensões de consumo, começou-se por definir, de forma teoricamente fundamentada, um conjunto de blocos temáticos, tendo em vista integrar na análise campos diferenciados, estruturadores das condições de vida dos indivíduos e das

famílias. Foi com base nesses blocos temáticos de dimensões (onze) que, numa primeira fase, se seleccionaram os indicadores operacionalizados nas diversas análises das componentes principais (ACP). Em função dos resultados das ACP, como se pode observar nos quadros 1, algumas das dimensões acabaram por ser desagregadas (a distinção entre “alimentação básica” e “alimentação preparada”, ou entre “transportes próprios” e “transportes públicos”, por exemplo), enquanto outras, à partida diferenciadas, se agregaram numa única dimensão analítica (é exemplo disso a integração das dimensões “cultura e lazer”, e “férias” numa única designada de “práticas culturais”).

Quadro 1 - Dimensões de análise: índices de consumo e equipamentos

Dimensões de análise de partida	Dimensões de análise e categorias finais
<i>Índices de consumo</i>	
Alimentação	Alimentação básica (ab) (5 categorias de consumo: 1=elementares, 5=elevados) Alimentação preparada (alp) (6 categorias de consumo: 1=não consumos, 5=elevados)
Habituação	Habituação (cas) (5 categorias de consumo: 1=elementares, 5=elevados)
Vestuário	Vestuário e imagem pessoal (vest) (6 categorias de consumo: 1=não consumos, 5=elevados)
Saúde	Saúde (sau) (6 categorias de consumo: 1=não consumos, 6=elevados)
Transportes	Transportes próprios (trpp) (6 categorias de consumo: 1=não consumos, 6=elevados)
	Transportes públicos (tpub) (5 categorias de consumo: 1=não consumos, 5=elevados)
Férias	Práticas culturais (cul) (6 categorias de consumo: 1=não consumos, 6=elevados)
Cultura e Lazer	
<i>Índices de equipamentos</i>	
Tecnologias massificadas	Tecnologias correntes (tcor) (5 categorias: 1=até 3 equipamentos; 5=tem todos)
Novas tecnologias domésticas	
Tecnologias de informação e comunicação	Novas tecnologias (ntl) (7 categorias: 1=nenhum; 7=tem todos)
Equipamentos supletivos	Grandes equipamentos supletivos (eqsu) (4 categorias: 1= nenhum; 4=3 ou +)

Por outro lado, no conjunto de dimensões relativas a consumos e equipamentos, importa assinalar que se utilizaram, em princípio, escalas de 6 categorias, criadas a partir de percentis. Os casos em que se retiveram apenas 5 categorias nas escalas utilizadas ora se prendem com a existência de segmentos de consumo com limiares mínimos sempre positivos (“alimentação básica” e “habituação”), ora traduzem uma forte concentração de despesas médias (“transportes públicos”). Já nos índices de equipamentos, na construção das várias escalas tomou-se por referência a diversidade de equipamentos interna a cada factor e a sua maior/menor presença nos agregados (por exemplo, no índice “tecnologias correntes” o carácter residual das situações com menos de três de equipamentos levou a que se optasse por considerar esse patamar como limiar mínimo).

Na análise da configuração topológica multidimensional e estrutural do espaço de padrões de vida, o que importa sobretudo observar são as posições relativas, nesse espaço social, das condições sociais de existência e das práticas sociais, dando especial “atenção a determinadas relações sociais decisivamente estruturantes das sociedades contemporâneas” (Costa, 1999: 214), consubstanciadas em desiguais poderes e recursos ou propriedades sociais, que configuram as práticas e disposições sociais diferenciadas e diferenciadoras dos diversos segmentos (Bourdieu, 1979; Vester, 2003).

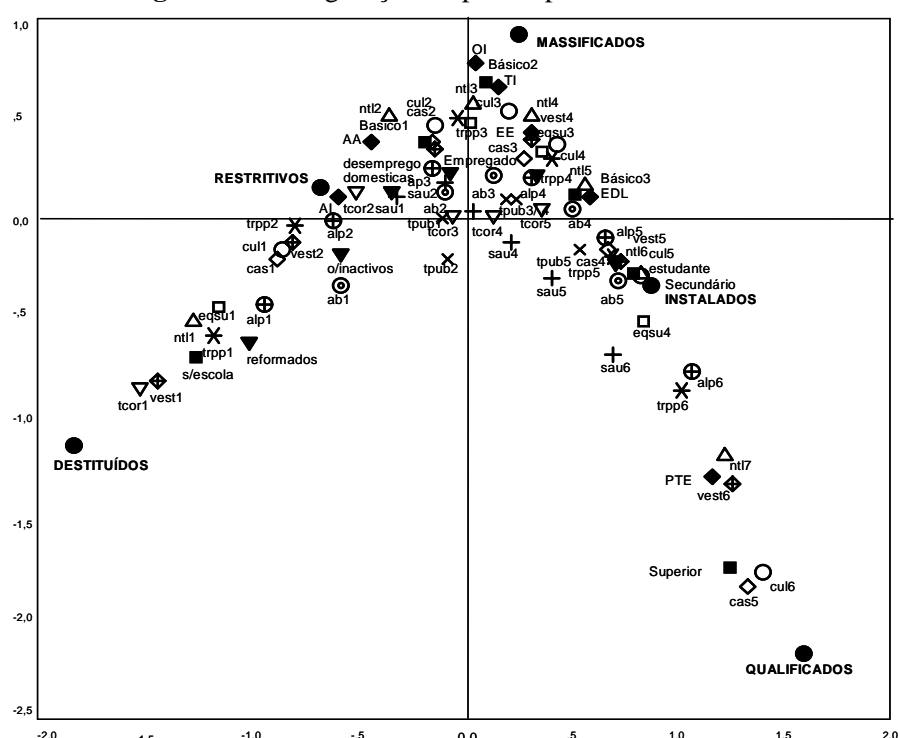
Padrões de vida: Perfis-tipo

Na operacionalização do conceito *padrões de vida*, contemplando as suas dimensões essenciais (o trabalho, as qualificações e o consumo), introduziu-se uma multiplicidade de variáveis que adensaram a sua leitura analítica. No sentido de aprofundar as análises multivariadas, procurou-se fazer um reconhecimento das principais configurações dos padrões de vida dos portugueses através de uma tipologia dos seus perfis. Desta resultaram 5 tipos de padrões de vida essenciais: *Destituídos*, *Restritivos*, *Massificados*, *Instalados* e *Qualificados*.

Observam-se assim, entre os perfis-tipos identificados, diferenças e combinações distintas de recursos nos padrões de vida.

Antes, de mais, convém especificar o conteúdo destes perfis do ponto de vista das dimensões primordiais de construção dos padrões de vida, isto é, das dimensões “trabalho”, “qualificações” e “consumo” (quadro 2 e 3).

Figura 1 - Configuração e tipos de padrões de vida



Legenda: ab, alimentação básica; alp, alimentação preparada; cas, habitação; vest, vestuário e imagem pessoal; sau, saúde; trpp, transportes próprios; tpub, transportes públicos; cul, práticas culturais; ntl, novas tecnologias; tcor, tecnologias correntes. EDL, Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais; PTE, Profissionais Técnicos e de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; AI, Agricultores Independentes; EE, Empregados Executantes; OI, Operários Industriais; AA, Assalariados Agrícolas. Outras variáveis socioprofissionais e de qualificação escolar são desdobradas em categorias facilmente identificáveis na figura.

Nota: Na “alimentação básica”, “habitação” e “tecnologias correntes” o patamar mais baixo (1) representa um consumo mínimo, enquanto nos restantes índices corresponde a não consumo

Fonte: INE, Base de microdados do Inquérito aos Orçamentos Familiares, 1999-2000.

Os Destituídos. A condição de destituição é, de facto, muito alargada e aprofundada neste perfil. Assim, e numa breve caracterização, cerca de 70% dos indivíduos pertencentes a esta categoria não têm qualquer tipo de escolaridade e encontram-se na reforma. A sua classificação em termos de categorias socioprofissionais coloca-os, sobretudo, nos agricultores independentes e nos operários industriais (36,6% e 25,4%, respectivamente).

Em consonância com este quadro de privação de recursos socioprofissionais e socioeducacionais, estão as possibilidades de consumo dos agregados familiares a que estes indivíduos pertencem. Este padrão de vida evidencia-se, entre os outros, por ser o menos capaz de realização nas práticas de consumo. Curiosamente, no que diz respeito aos consumos na saúde, estes ganham alguma superioridade face aos restritivos. Isto pode dever-se, em parte, à concentração de população idosa nesta categoria. É também interessante realçar o acesso a algumas tecnologias massificadas, cuja transversalidade aos vários segmentos da sociedade é reveladora da forma como os constrangimentos das desigualdades sociais não se sobrepõem linearmente à capacidade de difusão e massificação de tecnologia tornadas, nas sociedades contemporâneas, como bens de primeira necessidade.

Os Restritivos. Este perfil melhora um pouco os níveis de escolaridade face aos anteriores. Sendo ainda evidente o número de indivíduos sem qualificações (25%), alarga-se o patamar daqueles que já dispõem do básico 1 (cerca de 45%). No que diz respeito à condição perante o trabalho, a categoria com maior peso é a dos empregados (41,2%), embora se evidencie, também aqui, uma expressão importante das condições de inactividade (reformados 28% e domésticas 15%). As inserções socioprofissionais dos indivíduos que protagonizam estes padrões de vida, realçam uma forte predominância no assalariamento, tanto na indústria como nos serviços (empregados executantes, 32% e operários industriais, 39%). Alguma presença na categoria dos agricultores independentes (12%) revela, porventura, uma evolução dos seus contextos de vida no sentido de uma (sub)urbanização empobrecida. Quanto aos consumos, embora se encontrem em patamares de suficiência, as suas despesas alargam-se naqueles que são os bens essenciais, na gradação fixada para cada índice, no que diz respeito à habitação, à alimentação e ao vestuário.

Os Massificados. Neste tipo de padrões de vida, a categoria dos empregados é a condição perante o trabalho com maior peso (73%), só igualado na sua proporção pelos qualificados. Este perfil apresenta níveis de escolaridade mais consolidados no básico e reforça, face ao anterior, as categorias assalariadas, sendo os que, na diversidade dos padrões de vida identificados, mais se concentram nas categorias dos operários industriais (45%) e empregados executantes (35%). Os consumos que marcam este perfil são mais alargados, estando associados à emergência de uma sociedade de consumo contemporânea, que dispõe de uma gama de bens e serviços variada acessível a vastas camadas sociais.

Os Instalados. Estes indivíduos constituem, face à escolaridade, dois segmentos diferenciados, uma parte com recursos escolares rudimentares (23% têm apenas 1º ciclo do ensino básico) e, uma outra, com recursos acima dos patamares modais da sociedade portuguesa (25% com o básico 3 e 27% com o secundário). Tal segmentação interna tem repercussões também na diversidade das inserções socioprofissionais ou de classe destes indivíduos. Os mais qualificados deste segmento acedem à categoria dos profissionais técnicos e de enquadramento e dividem com outros menos qualificados a sua importante inserção na categoria dos empregados executantes. Os mais desqualificados são no essencial operários industriais, com níveis de consumo melhorados face aos seus pares com outros padrões de vida. Note-se ainda que estes são os padrões de vida que envolvem um maior número de empresários, dirigentes e profissionais liberais. Categoria socioprofissional esta que envolve, ela própria, acentuadas clivagens internas, umas mais próximas de acepções modernas e qualificadas, em paralelo com a presença ainda forte de traços mais tradicionais e desqualificados desta categoria. Em termos médios, os seus consumos realizam-se de forma muito alargada, sobretudo no que diz respeito à alimentação, tanto básica como na mais industrializada ou preparada, e em relação às tecnologias domésticas correntes e massificadas.

Quadro 2 Caracterização socioeducacional e socioprofissional dos *tipos* de padrões de vida

Indicadores	Perfis tipo					Total
	Destituídos	Restritivos	Massificados	Instalados	Qualificados	
<i>Níveis educacionais</i>						
Sem escolaridade	69,4	24,7	2,6	4,4	2,1	16,7
Básico 1	25,6	45,4	41,7	22,8	2,9	33,8
Básico 2	1,9	15,8	28,9	10,0	2,3	16,5
Básico 3	1,5	9,3	17,7	24,6	10,6	14,6
Secundário	1,1	4,2	9,0	27,1	22,2	11,6
Superior	0,5	0,6	0,1	11,1	59,8	6,9
<i>Condição perante o trabalho</i>						
Empregados	12,2	41,2	72,6	61,6	72,5	55,2
Desempregados	2,1	5,2	3,8	3,0	2,5	3,7
Estudantes	0,5	5,2	8,4	17,1	13,9	8,8
Reformados	68,2	27,9	4,4	8,0	7,9	19,1
Domésticas	11,2	14,8	8,4	7,3	2,8	9,6
O/inact	5,8	5,7	2,4	3,1	0,4	3,6
<i>Categorias socioprofissionais</i>						
Empresários, Dirigentes e Liberais	3,5	4,6	7,4	14,4	5,2	8,2
Profissionais Técnicos e de Enquadramento	4,3	3,1	1,5	33,9	84,8	17,3
Trabalhadores Independentes	4,1	4,4	6,5	3,0	0,4	4,7
Agricultores Independentes	36,6	11,5	2,7	1,3	0,0	4,6
Empregados Executantes	13,7	31,7	34,6	31,3	8,8	30,3
Operários Industriais	25,4	38,9	45,4	15,3	0,8	32,4
Assalariados Agrícolas	12,4	5,7	1,9	0,9	0,1	2,5

Fonte: INE, *Inquérito aos Orçamentos Familiares*, 1999-2000.

Os Qualificados. Este tipo de padrões de vida é o mais bem equipado de recursos educacionais, lúdicos e culturais. Cerca de 60% têm o ensino superior, muita acima dos níveis médios nacionais, o que se traduz em inserções socioprofissionais de topo na estrutura social, bem patente na proporção de profissionais técnicos de enquadramento (85%). Quanto às práticas de consumo, perfilam lógicas de grande distinção, revelando elevados consumos em cultura e educação, em tecnologias enquadradoras da sociedade de informação e do conhecimento e, a um nível patrimonial, de grandes equipamentos supletivos (como a segunda casa e posse de mais do que um automóvel). Distinguem-se nas suas práticas sociais face aos restantes segmentos pelos consumos qualitativos que protagonizam, com todas as suas implicações e manifestações nas várias esferas da vida social, profissional e familiar. Nomeadamente, é neste conjunto que encontramos uma maior incidência quer de consumos lúdicos, culturais, estéticos, desportivos e de educação, quer também com a habitação, a imagem pessoal ou ainda com alimentação pré-confeccionada, entre outros.

Quadro 3 Caracterização dos consumos dos *tipos* de padrões de vida

Indicadores de consumo	Perfis tipo					Total
	Destituídos	Restritivos	Massificados	Instalados	Qualificados	
Alimentação básica						
ab1	59,5	29,8	16,1	17,6	19,5	25,4
ab2	24,3	27,5	27,2	20,8	17,9	24,9
ab3	12,0	25,6	29,8	24,0	20,8	24,7
ab4	3,5	14,2	23,1	27,2	30,4	19,9
ab5	0,6	2,9	3,7	10,4	11,3	5,1
Alimentação preparada						
alp1	43,1	22,4	5,2	6,4	4,2	14,3
alp2	23,2	20,2	10,0	5,6	3,6	12,7
alp3	22,8	30,6	29,9	18,3	12,5	25,5
alp4	8,5	17,3	32,6	28,4	22,4	24,3
alp5	2,2	9,0	19,9	30,4	38,5	18,6
alp6	0,2	0,5	2,5	10,9	18,7	4,7
Habituação						
cas1	70,9	39,9	16,1	9,2	1,6	26,2
cas2	18,5	31,0	33,1	15,8	6,0	25,2
cas3	7,6	20,0	32,7	28,5	14,2	24,3
cas4	2,3	8,7	17,9	38,8	35,1	19,3
cas5	0,6	0,4	0,2	7,7	43,1	5,0
Vestuário e imagem pessoal						
vest1	29,1	7,1	1,2	1,0	0,6	6,1
vest2	49,4	34,9	12,6	6,4	3,7	20,7
vest3	15,1	31,8	30,2	17,2	6,9	24,3
vest4	4,2	17,2	37,0	26,4	12,9	24,2
vest5	1,8	8,6	18,3	37,2	43,8	19,7
vest6	0,3	0,3	0,6	11,7	32,2	5,1
Saúde						
sau1	40,0	37,6	31,2	21,8	13,7	30,6
sau2	17,5	19,9	22,4	14,7	12,2	18,8
sau3	24,7	22,2	27,1	25,1	21,0	24,7
sau4	8,7	8,8	8,9	14,6	12,9	10,3
sau5	5,9	8,7	8,0	13,5	23,9	10,2
sau6	3,2	2,8	2,4	10,3	16,3	5,2
Práticas culturais						
pcul1	86,5	54,7	20,6	10,5	1,5	33,6
pcul2	9,0	22,4	24,3	10,3	2,6	17,4
pcul3	2,7	11,5	23,6	13,1	3,1	14,4
pcul4	0,7	4,9	15,2	11,8	4,6	9,4
pcul5	1,0	6,3	15,7	46,7	44,4	20,2
pcul6	0,1	0,2	0,5	7,7	43,7	5,0

Fonte: INE, Base de microdados do *Inquérito aos Orçamentos Familiares*, 1999/2000.

Tais configurações vêm dar força às articulações e associações de sentido positivo entre as qualificações e os enquadramentos socioprofissionais e outras esferas da vida social (Almeida, Costa e Machado 1994; Machado e Costa, 1998; Costa, 1999; e Almeida, Costa, Machado, Capucha e Torres, 2000).

Padrões de vida: Distribuições geográficas e demográficas

Indicações complementares relevantes podem obter-se através do cruzamento dos perfis-tipos com um conjunto de indicadores sócio-demográficos e socioespaciais, enquadrador do reconhecimento destes padrões, salientam-se os seguintes aspectos:

Os Destituídos. Este tipo de padrões de vida encontra-se, na sua maioria, fora das áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa e protagoniza uma maior presença nas zonas

rurais. Pertencem a este padrão as mulheres, nomeadamente, as mais idosas que, para além do prevaecimento das casadas (com registo), são caracterizadas em grande medida pela sua situação familiar de viuvez. O seu contexto familiar especifica-se através de uma pertença de grande regularidade a agregados sem crianças em que um dos membros do casal tem mais de 65 anos ou restringindo-se a agregados de uma só pessoa nesse patamar de idade.

Os Restritivos. Do ponto de vista demográfico, este perfil caracteriza-se por uma distribuição quase equitativa pelos vários escalões etários. Em termos do território, situam-se essencialmente em espaços urbanos ou suburbanos, embora não com especial concentração nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Pertencem a agregados familiares muito diversificados, mas quanto à sua conjugalidade apresentam uma concentração de relevo na categoria dos casados (com registo), próximo de 60%, e na dos solteiros, em cerca de 24%.

Os Massificados. Em termos da sua presença territorial, este perfil é muito semelhante ao anterior. Demograficamente, são mais jovens do que os Restritivos. Em termos proporcionais, é o padrão onde a categoria de homens e a situação familiar de casado (com registo), bem como, os agregados com uma ou duas crianças são mais relevantes.

Os Instalados. Este padrão tem uma presença muito relevante em espaços urbanos, reflectindo-se, nos diferentes referentes territoriais, na sua visibilidade em Lisboa e Vale do Tejo (Nut II)⁶ ou na Área Metropolitana de Lisboa. Embora os casados (com registo) ainda se encontrem em franca maioria, face à caracterização do padrão anterior, essa categoria perde efectivos a favor dos solteiros. Em termos de perfil familiar, ganham importância as famílias com jovens (casais ou monoparentais).

Os Qualificados. Mais do que qualquer outro padrão de vida, é aquele que com maior frequência se situa em espaço urbano (com proporções acima dos 80%; entre os quais cerca de 53% reside na Área Metropolitana de Lisboa). Face à sua situação e tipos familiares são muito semelhantes aos anteriores.

Do ponto de vista da análise da territorialidade estes padrões manifestam, de forma diferenciada, algumas das tendências que, neste domínio, dominaram os últimos 40 anos (Almeida, Capucha, Costa, Machado, Torres, 2000, Machado e Costa, 1998, Ferrão, 1996). A par de um país rural e envelhecido observa-se um crescimento acentuado de população urbana, sobretudo nas grandes áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. São os destituídos que, entre os perfis identificados, dão corpo àqueles processos de envelhecimento, sendo os qualificados e os instalados os que mais se evidenciam nos processos de litoralização e urbanização, com efeitos de suburbanização desordenada. Na análise das principais tendências familiares (Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres e Wall, 1998; Almeida, André e Lalande, 2002), vistas do ponto de vista de uma aproximação a tendências europeias, sublinhe-se ainda a preponderância de agregados com poucos filhos (1 a 2 crianças), e também uma presença que não deixa de ser expressiva, ainda que mais moderada, de famílias monoparentais com jovens (Wall, 2003). Estes processos envolvem de forma mais incidente os segmentos designados de qualificados, instalados e massificados.

Notas finais

Estes padrões de vida, consubstanciados em perfis, revelam uma sociedade de contextos muito diferenciados, em que os qualificados são um segmento restrito (apenas 7%) portador de grande distinção social (Bourdieu, 1979; Vester, 2003). Este protagonismo, em conjunto com os padrões dos instalados, é o que mais converge, nas suas dimensões do "trabalho", "qualificações" e respectivos "consumos", para os padrões de vida mais modernos e qualificados da Europa (Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida, 2000).

⁶ A nomenclatura do INE utilizada diz respeito à classificação territorial usada até ao ano de 2000.

Quadro 4 - Perfis de "padrões de vida"

Perfis tipo	%
Destituídos	12,6
Restritivos	23,9
Massificados	35,2
Instalados	21,1
Qualificados	7,2

Fonte: INE, Base de microdados do *Inquérito aos Orçamentos Familiares*, 1999/2000.

O peso relativo destes perfis é muito variado, sendo o de maior preponderância os massificados (35%). A marcar a imagem de um país, cujos processos de modernização manifestam atrasos e contradições nas várias esferas sociais, está a relevância de padrões de vida restritivos (os segundos a marcar posição na tipologia proposta, com 24%). Seguidamente estão os instalados, que manifestam, no seu conjunto, padrões de vida muito abonados de recursos no que diz respeito ao valor dos padrões médios.

Em posições opostas face aos contextos sociais e recursos, associados, estão os destituídos e os qualificados (com 13% e 7%, respectivamente). Tal distribuição dá um cenário do país, como palco de grandes clivagens e assimetrias sociais, cuja estrutura de oportunidades diferenciada manifesta em cada um destes perfis, revela um grupo de padrões qualificados que vê a sua distinção reforçada face à preponderância de grupos de indivíduos que integram categorias desprovidas daquilo que se considera o mínimo para a sobrevivência.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ana Nunes, Isabel Margarida ANDRÉ, Piedade LALANDA (2002), "Novos Padrões e outros cenários para a fecundidade em Portugal", *Análise Social*, XXXVI (163), pp. 371-409.
- ALMEIDA, Ana Nunes, Maria das Dores GUERREIRO, Cristina LOBO, Anália TORRES, e Karin WALL (1998), "Relações familiares: mudança e diversidade", em José Manuel Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp. 17-44.
- ALMEIDA, João Ferreira de, António Firmino DA COSTA, e Fernando Luís MACHADO (1994), "Recomposição socioprofissional e novos protagonismos", em António Reis (org.), *Portugal: 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 307-330.
- ALMEIDA, João Ferreira de, Luís CAPUCHA, António Firmino DA COSTA, Fernando Luís MACHADO, Anália Torres (2000), "A sociedade", em António Reis (org.), *Portugal Anos 2000: Retrato de um País em Mudança*, Mem Martins, Círculo de Leitores, pp. 36-72.
- BOURDIEU, Pierre (1979), *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit, 670 p.
- CATHELAT, Bernard (1985-86), *Styles de Vie* (2 vols.), Paris, Les Éditions d'Organisation, 349 p.
- CHANEY, David (1996), *Lifestyles*, Londres, Open University, 196 p.
- COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora, 539 p.
- COSTA, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado, e João Ferreira de Almeida (2000), "Classes sociais na Europa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 34, pp. 9-46.

- DESROSIERES, Alain, Alain Goy, e Laurent Thévenot (1983), *Économie et Statistique*, 152, pp. 55-81.
- FEATHERSTONE, Mike (1991), *Consumer Culture and Postmodernism*, Londres, Sage, 164p.
- GOLDTHORPE, John H. (1980), *Social Mobility and Class structure in Modern Britain*, Oxford, Clarendon Press, 310 p.
- MACHADO, Fernando Luís, e António Firmino DA COSTA (1998), “Processos de uma modernidade inacabada: mudanças estruturais e mobilidade social”, em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.) (1998), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, pp. 17-44.
- MACHADO, Fernando Luís, António Firmino DA COSTA, Rosário MAURITTI, Susana da Cruz MARTINS, José Luís CASANOVA, e João Ferreira de ALMEIDA (2003), “Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades e orientações”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.
- VESTER, Michael (2003), “Class and culture in Germany”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, pp.25-40.
- WALL, Karin (2003), “Famílias monoparentais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 51-66.
- WRIGHT, Erik Olin (1997), *Class Counts: Comparative Studies in Class Analysis*, Cambridge, Cambridge University Press, 576 p.